



## **Imprensa, anticomunismo e fé: a destruição do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto nas representações da imprensa brasileira (1936-1937)**

Sônia Meneses<sup>1</sup>  
Fátima Pinho<sup>2</sup>

Artigo Recebido em: 27/09/2017  
Artigo Aprovado em: 18/11/2017

### **RESUMO**

No município de Crato – CE formou-se sob a liderança de um beato negro, pobre, peregrino como outros tantos do sertão nordestino, de nome José Lourenço, uma comunidade denominada “Santa Cruz do Deserto”, conhecida como “Caldeirão do beato José Lourenço”. Tendo como principais características o trabalho e a fé, despertou na Igreja e elite local a desconfiança de que ali se organizava uma comunidade comunista. Com medo de que se tornasse uma nova Canudos, aliaram-se ao governo do Estado para promover uma campanha difamatória, preconceituosa, dedicada a destruir a comunidade e o seu líder. Esse artigo pretende analisar, portanto, como tais discursos foram disseminados através da imprensa do país. Dado o considerável montante de jornais que abordaram o tema na época, intenta-se trazer apenas uma mostra daquilo que se formulou em dois momentos distintos: a invasão da comunidade e a dispersão dos habitantes pelas tropas do tenente José Góis de Campos Barros em 1936 e o confronto com os remanescentes que se abrigaram na serra do Araripe, chefiado pelo capitão José Bezerra, resultando em sua morte, do seu filho e de mais cinco soldados, do beato Severino Tavares e dezenas de camponeses em 1937.

**Palavras-chave:** Imprensa, Comunismo, Caldeirão.

### **ABSTRACT**

In the municipality of Crato, state of Ceará, it was formed under the leadership of a poor black beato, a pilgrim, like so many others from the northeastern backwood, called José Lourenço, a community called "Santa Cruz do Deserto", known as "Caldeirão do beato José Lourenço". Having as main characteristics the work and the faith, it awoke in the Church and local elite the distrust that a communist community was organized there. Afraid that it would become a new "Canudos" they are allied themselves with the state government to promote a defamatory, prejudiced, campaign dedicated to destroying the community and your leader. This article intends to analyze, therefore, how such discourses were disseminated through the press of the country. Given the considerable amount of newspapers that addressed the theme at the time, we try to bring only a sample of what was formulated in two distinct moments: the invasion of the community and the dispersion of the inhabitants of the lieutenant Jose Góis de Campos Barros in 1936 and the confrontation with the remnants that were sheltered in the Araripe mountain

<sup>1</sup> Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA, Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense, Bolsista de Produtividade em Pesquisa. E-mail: [sonia.meneses@gmail.com](mailto:sonia.meneses@gmail.com), <http://lattes.cnpq.br/5558125167892774>

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA e doutoranda no curso de Doutorado Interinstitucional (DINTER) em História Social da Universidade Federal Fluminense e Universidade Regional do Cariri. E-mail: [mfmoraispinho@gmail.com](mailto:mfmoraispinho@gmail.com), <http://lattes.cnpq.br/1050194546722143>



range, headed by Captain José Bezerra, resulting in his death, of his son and five more soldiers, the beato Severino Tavares and dozens of peasants in 1937.

**Keywords:** Press, Communism, Cauldron.

## **Introdução**

O Brasil dos anos trinta do século XX era um lugar inóspito, especialmente para aqueles que estavam longe das capitais, dos grandes centros urbanos. Subsistia o espaço de um mundo em movimento, repleto de “maneiras de fazer e caminhar” (Certeau, 1998, p. 35) que trazia para o primeiro plano, estratos de outros tempos. Nos sertões, nas pequenas vilas e cidades do interior, sujeitos, práticas e representações diversas misturavam-se em meio às necessidades reais de sobrevivência, à solidariedade e lutas que organizavam o espaço e o próprio tempo a partir dos referenciais de uma cultura ordinária, cotidiana e pragmática recortada por mil artes de fazer.

Foi nesse espaço cheio de bricolagens que José Lourenço, beato, negro, pobre, sujeito peregrino entre outros tantos, iguais e diferentes entre si, tornou-se uma liderança vista por muitos como extraordinária. Ali, no meio do sertão, sua imagem e ação ajudaram a construir uma comunidade dissonante. Para uns, espaço de fé, para outros, berço de uma aglomeração que lembrava o perigo vermelho em terras brasileiras. Desse caldeirão de ideias e práticas, a comunidade da Santa Cruz do Deserto surgiu e foi destruída. Caldeirão, nome simbólico e muito representativo do que se construiu ali, tornou-se então história a ser narrada, memória a ser disputada em discursos diversos e, em especial, nas páginas dos jornais.

A trajetória do beato José Lourenço e sua comunidade integram o considerável contexto socioreligioso que caracterizou o Nordeste brasileiro, sobretudo, no final do século XIX e primeira metade do século XX, tendo servido de fonte e subsídio em diversas narrativas de memorialistas, pesquisadores e jornalistas que, ainda no presente, tentam explicar, compreender e analisar como, no sertão do Brasil, homens e mulheres pobres e analfabetos constituíram para um agrupamento de natureza solidária entre os anos 1926 e 1937 na região do Cariri cearense.

A forma de organização instituída na qual todos compartilhavam entre si os mesmos deveres e direitos e o fruto do trabalho coletivo que se revertia para o bem-estar da comunidade, chamou a atenção dos mandatários e latifundiários locais deixando-os desconfiados e em permanente estado de alerta contra qualquer indício que pudesse representar a formação de uma organização nos moldes do comunismo. Incomodados, os coronéis da região passaram a cobrar

do governo medidas enérgicas no sentido de minar as estruturas daquela comunidade que, para eles, representava uma ameaça iminente à ordem estabelecida.

Receosos de que o Caldeirão se tornasse uma nova Canudos e intrigados quanto a real liderança do beato José Lourenço, esses grupos impulsionaram na imprensa do país uma feroz campanha difamatória, recheada de preconceitos, dedicada tanto a destruir a comunidade quanto seu líder.

Esse artigo pretende analisar, portanto, como tais discursos foram distribuídos através da imprensa do país. Dado o grande montante de jornais que abordaram o tema na época, como pode ser visto na tabela a seguir, nossa intenção é trazer uma mostra representativa de daquilo foi formulado, considerando principalmente dois momentos: o primeiro refere-se à invasão da comunidade e a dispersão dos habitantes pelas tropas do tenente José Góis de Campos Barros<sup>3</sup> em setembro de 1936 e o segundo, ao confronto travado entre os remanescentes que se abrigaram na serra do Araripe e a uma patrulha da polícia chefiada pelo capitão José Bezerra<sup>4</sup> que resultou em sua morte, do seu filho e mais cinco soldados, do beato Severino Tavares e dezenas de camponeses.

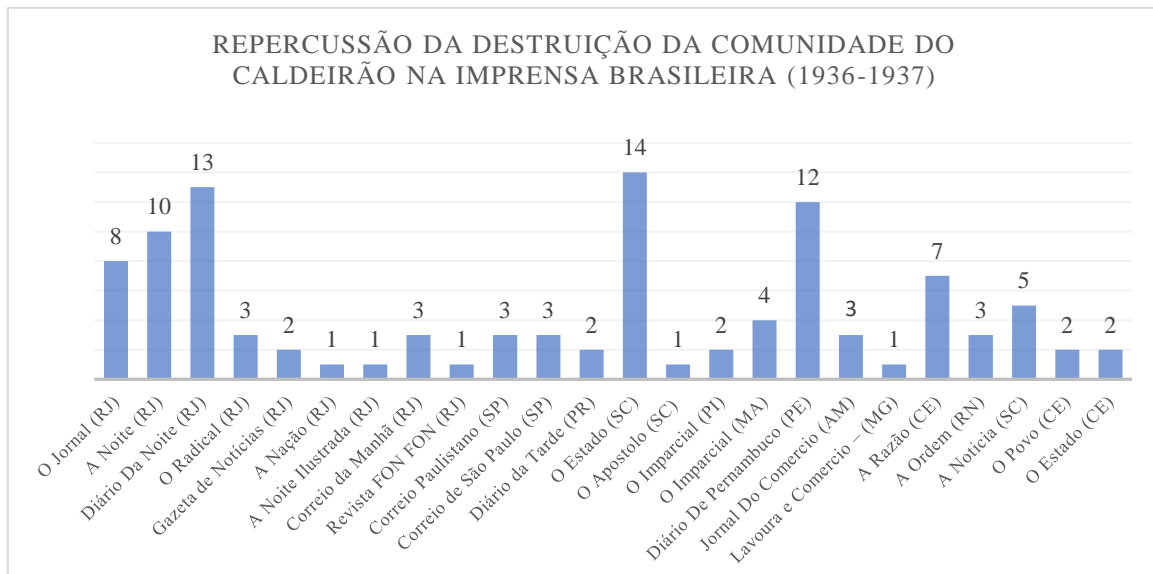
Entre os anos de 1936 e 1937 jornais de vários estados da federação publicaram, alguns com mais intensidade, outros nem tanto, reportagens, artigos, telegramas, fotos narrando a saga da destruição da comunidade do Caldeirão conforme se pode verificar na figura<sup>5</sup>:

**Figura 1:** tabela com jornais e número de ocorrências.

<sup>3</sup> Delegado da Ordem Política e Social do Ceará no período da invasão do Caldeirão.

<sup>4</sup> Capitão José Gonçalves Bezerra, conhecido pela sua coragem, experiente policial, sendo o oficial escolhido pela Polícia Militar para combater o cangaço no Estado na segunda e terceira décadas do século passado (Anselmo, 1981)

<sup>5</sup> Gráfico construído com base no número de reportagens publicadas nos jornais disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, portanto, não estão contemplados todos aqueles que publicaram sobre o assunto. É muito provável que a quantidade de periódicos seja superior ao apresentado.



Vê-se que não foram poucos aqueles que, em suas páginas, seja por meio de manchetes ou de pequenas notas construíram narrativas que, em consonância com os anseios da política nacional justificavam a imperiosa necessidade de debelar o mal da ignorância e do fanatismo no sertão, desqualificando a comunidade do Caldeirão e o beato José Lourenço. Isso se pode constatar facilmente em manchetes tais como “Fanatismo, consequência moral da superstição e penúria”<sup>6</sup>. Vislumbradas em primeiro plano, as intenções não escondiam o receio desses grupos em manter sob controle os vários movimentos que emergiam naquele contexto e que, de alguma maneira, representavam um perigo à estabilização da ordem nacional.

O governo republicano, ainda jovem naquela década de 1930, já havia experimentado um conjunto de rebeliões significativas que tencionavam ainda aquele universo social. Só para mencionar alguns, vale mencionar a Revolta da Vacina, em 1904, a Revolta dos Marinheiros, em 1910, Guerra do Contestado entre 1912 a 1916 e Movimento Tenentista na década de 20, cuja Coluna Prestes tornou-se a ação mais significativa. Dentre esses movimentos, três se destacam para ajudar na compreensão sobre a violenta repressão que se estabeleceu sobre o Caldeirão: Canudos - fins do século XIX -, experiência desencadeada no interior da Bahia similar ao que se tornou o Caldeirão, a Sedição de Juazeiro em 1914<sup>7</sup> e a Intentona Comunista

<sup>6</sup> O JORNAL (RJ), n.º. 5298, 23 /09/1936, p. 11

<sup>7</sup> Movimento armado travado entre as forças legalistas do presidente da província do Ceará, Franco Rabello e os aliados do padre Cícero, transcorrido entre dezembro de 1913 e março de 1914. Para saber mais sobre esse movimento ler: Camurça, Marcelo Ayres. Marretas, molambudos e rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.



de 1935. Esses episódios são parte da chave explicativa para o tipo de cobertura dada pelos jornais acerca do que ocorria ali no interior do Ceará. Demonstraram, ainda, as potencialidades da organização social cuja exclusão, desespero e fé se tornaram motores de suas ações. 1º ATO - 1936: “Um núcleo de fanáticos dissolvido pela polícia cearense – viviam em regime comunista”: narrativas sobre a comunidade do caldeirão e o beato José Lourenço na imprensa brasileira.

Segundo Rodrigo Patto (2000) o anticomunismo tornou-se uma das forças mais decisivas das lutas políticas do mundo contemporâneo, sobretudo, porque ofereceu um inimigo interno e externo a ser combatido. Dessa forma, ser qualificado como “comunista” ou, simplesmente, ser suspeito de o ser já tornava o sujeito ou o grupo social assim qualificado como potencial inimigo a ser rechaçado implacavelmente.

Como imaginara Karl Marx, o comunismo foi efetivamente um espectro rondando a sociedade capitalista. No entanto, embora tal afirmação tenha sido feita em meados do século XIX, ela se aplica melhor ao século atual, quando o “fantasma” adquiriu um poder sem precedentes de amedrontar os setores mais conservadores da sociedade. Durante os cerca de 70 anos compreendidos entre a Revolução de outubro de 1917 e a crise do socialismo real ocorrida na virada da década de 1980 para 1990, o comunismo tornou-se muito mais que um espectro. (PATTO, 2000, p. 05)

Dessa maneira, quando em 10 de setembro de 1936 uma tropa policial comandada pelo tenente José Góis de Campos Barros invade e destrói de forma violenta a comunidade do sítio Caldeirão, saqueando seus pertences, queimando as casas e expulsando os habitantes era, sem dúvida, a ideia de um inimigo interno identificado como “comunista”, embora não apenas isso, que pretendia destruir. O ataque reverberou na imprensa de todo o Brasil que, alimentada pelos relatórios dos invasores e de correspondentes em Fortaleza, publicou dezenas de reportagens e artigos justificando os motivos da destruição.

De norte a sul, jornais estampavam manchetes dando conta de que uma comunidade de fanáticos liderada por um beato “aproveitador” e “ditador”, que “vivia em regime comunista” (Jornal do Brasil, 15/09/1936), constituía sério risco à ordem e segurança do país.

Estaria o Brasil diante de uma experiência do regime comunista no sertão do Ceará?<sup>8</sup> “[...] seria (o caldeirão) um disfarce dos comunistas?”<sup>9</sup>. Questionamentos como esses sintetizavam uma das principais acusações usadas para justificar e legitimar a destruição do Caldeirão. Em meio a um contexto político conturbado pautado pelo fantasma da “insurreição comunista de

<sup>8</sup> CORREIO DA MANHÃ (RJ), 15 /09/1936, p. 3

<sup>9</sup> LAVOURA E COMERCIO (MG), 15 de setembro de 1936.



1935”<sup>10</sup>, sinais que indicassem a possibilidade de uma agremiação semelhante tornavam-se o alvo preferencial de investidas das forças militares governistas.

Os rumores sobre as prováveis características comunistas do Caldeirão eram constantemente alimentados por relatórios, entrevistas e telegramas enviados aos jornais pelos militares que ordenaram a invasão da comunidade, levantando a hipótese de que ali viviam remanescentes do levante de 1935. O jornal LAVOURA E COMERCIO – Uberaba/MG assim se coloca:

[...] O chefe de polícia, em telegrama de Crato, anuncia que apurou ser 80% desses fanáticos procedentes do Rio Grande do Norte, presumindo tratar-se de remanescentes da luta armada de novembro de 1935, que ali se homiziaram sob esse disfarce.<sup>11</sup>

As manchetes produzidas acerca dessa possibilidade multiplicavam-se profusamente e de forma elogiosa anunciavam a eficaz atuação das forças policiais na dispersão e desarticulação do Caldeirão, à medida que apresentavam ao Brasil a versão oficial dos fatos decretando como verdadeiros os seus argumentos. Observe-se a tônica dos enunciados:

UMA EXPERIÊNCIA DO REGIME COMUNISTA NO SERTÃO DO CEARÁ: a polícia dispersou o agrupamento, ocupando militarmente a localidade<sup>12</sup>

UM NÚCLEO DE FANÁTICOS DISSOLVIDO PELA POLÍCIA CEARENSE – VIVIAM EM REGIME COMUNISTA<sup>13</sup>  
FANÁTICOS QUE VIVIAM SOB ESTRANHO REGIME  
O BEATO LOURENÇO – A AÇÃO POLÍCIAL<sup>14</sup>

As manchetes acima explicitam a construção discursiva e a produção de sentido que se fazia a respeito daqueles acontecimentos. Nelas há uma mobilização de conceitos no intuito de tornar o evento parte de um projeto comunista no país. Trata-se de inserir aqueles sujeitos num lugar específico. “Comunismo passa a ser o conceito síntese a representar tais grupos e funciona como mobilizador de justificativas para que fosse fortalecida a oposição ao governo” (MENESES, 2017, p. 104). Ao submeter o episódio a um processo de enquadramento de sentido, a imprensa trabalhava para construir as ferramentas simbólicas que demonstrassem a necessidade de eliminação daquele grupo.

<sup>10</sup> Para saber mais sobre a Insurreição Comunista de 1935, sobretudo, em Natal-RN, ler: COSTA, Homero de Oliveira – A Insurreição Comunista de 1935 – Natal-RN:EDUFRN, 2015.

<sup>11</sup> Lavoura e Comercio, Uberaba, Nº 7325, 15/09/1936, p. 4.

<sup>12</sup> CORREIO DA MANHÃ (RJ), Nº 12835, 19/09/1936, p. 3

<sup>13</sup> JORNAL DO BRASIL (RJ), Nº 220, 15/09/1936, p. 12

<sup>14</sup> O IMPARCIAL, (MA), Nº 5334 16/09/1936, p. 2



No entanto, nem todos os jornalistas compartilhavam dessa construção. Em artigo publicado no noticioso O JORNAL de 23 de setembro de 1937, o cearense e correspondente do “Diários Associados” de Fortaleza, João Hyppolito<sup>15</sup>, atribui o surgimento e crescimento do Caldeirão à crença em superstições, à miséria e ignorância do sertanejo que se deixava dominar pelo “esperto” José Lourenço de forma cega e absolutamente obediente. Já no título, Hyppolito revela a interpretação que faz dos acontecimentos.

**Fanatismo, consequência moral da superstição e penúria: como o “beato” Jose Lourenço conseguiu reunir, no interior do Ceará, 700 “devotos” que lhe obedeciam cegamente<sup>16</sup>**

Referindo-se à probabilidade de ser o Caldeirão um reduto comunista, declara: “[...] esse núcleo foi tomado pela imprensa como um bando de comunistas, vivendo em pleno regime soviético. Nada mais errado. Era apenas um grupo de miseráveis, que a penúria e a superstição reuniram sob a autoridade do beato José Lourenço, um místico embusteiro e libertino”.<sup>17</sup>

Durante entrevista concedida ao jornal fortalezense *Gazeta de Notícias*<sup>18</sup> e reproduzida nos jornais O Jornal (18/09), Correio da Manhã (18/09), Lavoura e Comercio (MG, 15/09) e Correio de São Paulo (18/09), o comandante responsável pela invasão do Caldeirão, o tenente Góis C. Barros, ao retornar do Cariri assevera:

“[...] o beato Jose Lourenço exercia, na localidade de Caldeirão, completa autonomia e era a única autoridade obedecida pelos componentes daquele agrupamento: casava, batizava e ditava leis, que eram cegamente obedecidas, entregando-lhe os fanáticos os próprios haveres. O beato possuía um harém composto de 16 mulheres jovens e formosas. A sua mesa era farta e as bebidas finas não faltavam. Estendia o seu prestígio à toda a população do sul do Estado, bem como às dos Estados vizinhos, donde uma verdadeira romaria de pessoas ai visita-lo receber a benção e levar-lhe presentes.”<sup>19</sup>

Adjetivado com epítetos nada elogiosos, o beato é apresentado como “libertino”, “sultão do Nordeste”<sup>20</sup>, “aproveitador”, “ditador”<sup>21</sup>, acusando-o de viver um padrão de vida distante

<sup>15</sup> João Hipólito Campos de Oliveira, bacharel em Ciências Jurídicas e professor universitário, foi um jornalista atuante com passagem pelas redações de O Povo e Diários Associados do Ceará ([http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=29741&catid=332&Itemid=101](http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=29741&catid=332&Itemid=101))

<sup>16</sup> O JORNAL (RJ), Nº 05298, 23 /09/1936, p. 11

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Infelizmente este jornal não consta no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

<sup>19</sup> O JORNAL (RJ), 18 /09/ 1936, p. 11.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Ibid.



dos demais nordestinos: “VERDADEIRO HAREM NO RECESSO DO SERTÃO: Mesa farta<sup>22</sup>, bebidas finas e 16 jovens mulheres alegravam a vida do anfitrião”<sup>23</sup>

Entre notas, artigos, entrevistas e editoriais divulgados pela imprensa, vale destacar com a pretensão de melhor entender, o texto do jornalista rio-grandense Ewerton D. Corte no periódico *A Ordem*, em 15 de setembro de 1936, intitulado *A Tragédia do Caldeirão (Uma página de Sociologia do Nordeste)*, no qual analisa o episódio de formação e destruição do Caldeirão fazendo a seguinte descrição do beato:

[...] em Caldeirão (...) eis que surge um tipo singular, misto de jagunço e de fanático, arrebanhando para seu criminoso convívio uma verdadeira legião de pobres sertanejos. Sua figura é misticamente impressionante, para receber os primitivos. Veste-se sempre de preto. Espessa barba negra contorna lhe as faces. Talhe vigoroso e forte moleirão com a tez queimada pelo sol faz-lhe um expressivo espécime da sub-raça. Seu aspecto messiânico desperta a mais viva sugestão às massas que o cercam, embrutecidas pela ignorância [...]

O monstruoso *beato* de há muito que iniciara, a socapa, a negreganda tareja (*sic*).<sup>24</sup>

Noutros trechos do artigo o autor argumenta que, naturalmente, há “[...] um verdadeiro clima para a florescência do fanatismo pseudo-religioso [...]”, sendo constante o recrudescimento de comunidades similares a Canudos e Caldeirão com forte presença de fanatismo religioso, atribuindo-o à situação de abandono e ignorância vivida pelo povo brasileiro:

Esses surtos de fanatismo e cangaceiros são consequências lógicas do abandono em que vivem nossas populações. Sem letras. Sem religião. Com um moralismo próprio, divorciado de quaisquer princípios recomendáveis. Para que não se precise de tempos em tempos empregar a força para integrá-las na lei, é necessário que se lhes dê como um bom costume uma educação perfeita e bem orientada.<sup>25</sup>

Boa parte das publicações sobre o Caldeirão e o beato trazia fotografias<sup>26</sup> feitas após a invasão por ocasião da prisão de muitos dos seus habitantes. A matéria escrita pelo jornalista João Hyppolito para os jornais do “Diários Associados”, cujo título denota extremo preconceito, é um exemplo disso.

<sup>22</sup> Segundo LIMA, Maria Lourêto de. José Lourenço, o beato perseguido: uma história real. 1ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2013, no Caldeirão havia um pomar com todo tipo de frutas, um engenho de açúcar, casa de farinha.

<sup>23</sup> CORREIO DA MANHÃ (RJ), Nº 1305, 18 /09/1936, p. 1

<sup>24</sup> A ORDEM (RN), Nº 5230, 15/05/ 1936, p. 1

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> Os registros fotográficos compõem o relatório apresentado aos seus superiores pelo Tenente José Góis de Campos Barros, posteriormente transformado em livro: “A ordem da Penitência e a Polícia”.



UM MONSTRO HUMANO IMPERAVA NOS SERTÕES DO CEARÁ: Os espantosos episódios do Sertão do Ceará - Quatrocentos Fanáticos de túnica negra aprisionada pela polícia – Franco Regime Comunista – O beato Lourenço e seu harem de deseseis mulheres!<sup>27</sup>

Logo abaixo do título, a fotografia traz imagens comoventes. Em primeiro plano, crianças e mulheres sentadas no chão e indivíduos de pé, um único senhor, calvo, de barba longa e branca e, num segundo plano, homens fardados e outros não, com a legenda: “TUDO DE NEGRO – Os fanáticos aprisionados no sítio do Caldeirão, pela polícia do Ceará”.

**Figura 2:** “TUDO DE NEGRO”



**Fonte:** DIÁRIO DA NOITE, Nº 02732, 22 /09/1936 p. 13.

O mesmo registro é reproduzido numa segunda matéria escrita por João Hyppolito, no periódico *O Jornal* de 23 de setembro de 1936, assim subscrita: *O beato José Lourenço*<sup>28</sup> *que se vê com as suas enormes barbas, cercados de dezenas dos fanáticos que constituíam a “Comuna” dissolvida pela polícia, no interior do Ceará.*

Outras publicações se valem da mesma fotografia para desqualificar o beato. Em 13 de outubro de 1936 *O Jornal* circula com a manchete:

O PATRIARCA ZÉ LOURENÇO  
CURIOSOS DETALHES DA VIDA DO BEATO E SEUS PROSELITOS, NO  
INTERIOR CEARENSE  
Encaminhador de promessas e senhor de 15 mulheres – a subida para o céu”...<sup>29</sup>

<sup>27</sup> DIÁRIO DA NOITE (RJ), Nº 2732, 22 /09/ 1936, p. 13

<sup>28</sup> A informação de que o beato José Lourenço está na fotografia é equivocada. Possivelmente, é o velho citado no livro do tenente Góis C. Barros, *A ordem dos penitentes*, publicado em 1937, ao relatar que diante da destruição do Caldeirão “[...] o grito de um velho sertanejo de barbas longas e meio calvo ecoou pelas quebradas da Serra do Araripe: Vossa mercê é poderoso, mas acima de tudo está o poder de Deus.” (RAMOS, 1998, p. 362).

<sup>29</sup>O JORNAL, Nº 5315, 13 /10/1936, p. 13



Tomando como ponto de partida as matérias publicadas, percebe-se que a construção de sentidos acerca do Caldeirão parte de duas linhas argumentativas fundamentais: a primeira diz respeito a uma dimensão política mais clara: a comunidade representaria um aglomerado perigoso por estabelecer ali um conjunto de ações que pudessem servir como exemplo de experiência comunista. O aspecto revolucionário da comunidade se fosse bem-sucedido, era impensável para as elites não apenas locais, mas, nacionais. Não esqueçamos que a Intentona Comunista já havia assombrado o poder central no ano anterior com reivindicações de carácter nacional popular contra as oligarquias locais e práticas autoritárias não somente dentro do quarteis, fora deles a investida também teve seu impacto. Nesse sentido, ainda segundo Patto (2000, p. 05)

A força do comunismo, consubstanciada na expansão e crescimento dos partidos e ideais comunistas, engendrou o anticomunismo. Os grupos sociais atemorizados pela “ameaça” ou “perigo” comunista, por sinal expressões reveladoras de seu estado de espírito, trataram de organizar-se e articular uma contra-ofensiva visando combater o projeto revolucionário. Genericamente, pode-se dizer que o sentimento anticomunista nasceu espontaneamente, gerado pelo medo e pela insegurança. No entanto, transformou-se em movimento organizado a partir da necessidade percebida por algumas lideranças conservadoras de conter a escalada revolucionária.

Como se pode perceber, um dos agentes mais empenhados no movimento organizado anticomunista era justamente a imprensa que funcionava como produtora de discursos relevantes sobre o tema. Dessa maneira, ao despontar no cenário nacional, imediatamente o Caldeirão é alçado à categoria dos inimigos comuns a serem combatidos pelo Estado, uma vez que ali poderia ser gestada, novamente, uma rebelião nos moldes do que havia ocorrido em outros estados. Patto argumenta que as primeiras manifestações anticomunistas na imprensa começam a surgir já na década de 1920 e, com a criação do partido comunista nos anos de 1930, esse aspecto ganhou substância e profundidade.

A Intentona Comunista contribuiu para o aprofundamento da onda conservadora que varreu o país na segunda metade da década de trinta e, na verdade, serviu para “fundar uma sólida tradição anticomunista na sociedade brasileira”, nesse sentido, “a comoção tornou-se ainda maior quando a imprensa começou a divulgar indícios encontrados pela polícia, da participação de um grupo estrangeiro ligado à Internacional Comunista na frustrada tentativa revolucionária” (PATTO, 2000, p. 07). É importante observar, portanto, que a emergência do Caldeirão nasce exatamente no momento-chave de construção de um projeto anticomunista no Brasil e, não por acaso, sua destruição deveria ser uma ação exemplar, como de fato o foi. Em



boa parte da documentação do período que trata o tema, fica claro que a atuação sobre o grupo seria implacável.

Além de estar no centro das ações anticomunistas em curso no Brasil, o Caldeirão ganhou outra importante chave de compreensão nos discursos das elites brasileiras, mais vinculada à perspectiva sociorreligiosa que negava veementemente as práticas de religiosidade popular que se desencadeava naquele momento. É importante destacar que embora fosse uma profissão liberal, a imprensa brasileira ainda era profundamente marcada pelos princípios da religião católica, dita oficial. O pe. Cícero, assim como Juazeiro do Norte já eram seus antigos conhecidos, principalmente no tocante aos episódios desencadeados pelo chamado “milagre da hóstia” no final do século XIX e a própria sedição de Juazeiro em 1914, colocando a região no cenário nacional impresso.

Nessa direção, lança-se mão de um conjunto de argumentos que já eram agenciados antes mesmo do surgimento da comunidade da Santa Cruz do Deserto, outrora direcionados à imagem do pe. Cícero e agora direcionados tanto para o Caldeirão, quanto para o seu líder, o beato José Lourenço. Ao trazer à tona as definições de fanatismo, berço de ignorância, população “sem letra e sem religião”, a imprensa dotava o evento de uma significação negativa que se coaduna com as imagens já dispostas naquela cena pública. Aos olhos da grande imprensa, o Caldeirão ganhara ares de lugar construído a partir de uma áurea de negatividade densa e complexa, que só pode ser compreendida ao se considerar de perto todos os possíveis elementos.

Nesse contexto, unem-se duas relevantes linhas discursivas para compreendermos os ataques da imprensa ao Caldeirão: comunidade de características comunistas e lugar de fanáticos religiosos. “Ao recorrer a esses artifícios o jornal fazia com que sua narrativa diária trabalhasse em torno da construção de uma unidade ficcional de ação colocando em lados opostos conceitos como família, estado, igreja” (MENESES, 2017, p. 104).

## **2º ATO - 1937: “A Chapada do Araripe transformada em campo de operações militares”: o confronto fatal.**

Com a expulsão dos habitantes do sítio Caldeirão, muitos retornaram às suas cidades de origem, outros se estabeleceram ao sopé da serra do Araripe no engenho Conceição e “umas 15



famílias foram pra cima da serra. ”<sup>30</sup>. Outros, ainda, foram presos e conduzidos para Fortaleza, entre eles o beato Severino Tavares<sup>31</sup>, que pouco tempo depois se viu solto e retornou ao Cariri juntando-se aos remanescentes que se alojaram na serra do Araripe. Segundo depoimento de seu filho, Eleutério Tavares, ao subir o morro Severino afirmou: “Se a polícia for lá nos perseguir novamente, seu pai não vive mais, mas também aquele que perseguir fica mais eu lá. ”<sup>32</sup>

Em 10 de maio de 1937 o tenente José Bezerra se dirige à serra do Araripe com o intuito de identificar prováveis focos de sobreviventes do Caldeirão para dispersá-los, entretanto, ao chegar no local é surpreendido por muitos deles que, liderados pelo beato Severino Tavares reagem com paus, facas e foices promovendo um forte e violento confronto contra a tropa da polícia, resultando na morte de Severino e de dezenas de seus seguidores, assim como na do capitão José Bezerra, do seu filho além de cinco soldados.

A notícia de que o capitão José Bezerra havia sido morto e das baixas ocorridas repercutiu rapidamente na imprensa brasileira, que qualificou o fato como “Grande chacina”, uma “verdadeira tragédia” promovida pelos “fanáticos sertanejos”. As manchetes traziam um tom sensacionalista:

CHACINADOS BARBARAMENTE PELOS FANATICOS DO BEATO LOURENÇO! Em pleno coração do Nordeste ressurgue com um fantasma o drama de Canudos - Os beatos do Caldeirão atacam um contingente policial e ameaçam invadir Crato e Juazeiro - O conflito - numa perigosa emboscada tombam mortos o capitão Jose Bezerra, seu filho e 5 praças<sup>33</sup>

Jornais de todo território brasileiro acompanhavam o desenrolar dos acontecimentos apresentando-os como um “verdadeiro massacre”, e denunciando que “remanescentes do grupo de fanáticos chefiados pelo beato Lourenço atacaram um contingente policial, matando quatro homes e ferindo três outros. ”<sup>34</sup>

O caso foi tratado pelos jornais como uma emboscada concebida e encabeçada pelo beato José Lourenço, embora ele sequer tivesse tomado parte, pois, se encontrava foragido desde o ataque de 1936.

<sup>30</sup> LIMA, Maria Lourêto de. José Lourenço, o beato perseguido: uma história real. 1ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2013, p. 72.

<sup>31</sup> O beato Severino Tavares foi, certamente, o principal agente de divulgação da comunidade do Caldeirão. Segundo LIMA [...] Severino Tavares era um andarilho, viajava muito pregando a palavra de Deus e conquistando romeiros para serem seguidores da Santa Cruz do Deserto. (p. 53)

<sup>32</sup> Ibid., p. 80.

<sup>33</sup> A RAZÃO, Fortaleza, N° 285 , 11 /05/1937, p. 1.

<sup>34</sup> O JORNAL, N° 05492, 12 /05/1937, p. 18.



A repercussão alarmante dos fatos provocou forte reação no governo do Ceará, que logo tratou de enviar aviões para o Cariri com a incumbência de detectar e mapear os focos de ajuntamento dos sertanejos e facilitar-lhes o combate com o uso, de acordo com alguns memorialistas e pesquisadores, de bombas, versão contestada pelo governo.

Contudo, os episódios tornaram-se um assunto interessante para a imprensa, que se empenhou em noticiar a “[...] guerra no sertão, com destacadas manchetes sensacionais”, tais como:

#### A CHAPADA DO ARARIPE

Transformada em campo de operações militares  
Aprisionados vários grupos de mulheres, pertencentes as hordas do beato Lourenço - a quadrilha do cap. Macedo realiza vôos de reconhecimento<sup>35</sup>

Na imprensa carioca as investidas eram narradas numa perspectiva de dramaticidade e teatralidade, com realce para a selvageria e o requinte de crueldade levados a cabo pelos “cangaceiros do beato José Lourenço”, fomentadores do que teria sido uma verdadeira

#### TRAGEDIA NO SERTÃO DO CARIRI:

Os cangaceiros do beato Jose Lourenço massacram um destacamento da força policial cearense – um combate selvagem e a mutilação dos corpos das vítimas pelos fanáticos enfurecidos<sup>36</sup>

Muitos periódicos ressaltaram a “[...] excentricidade” das vestimentas – “vestem hábitos pretos e cheios de lama [...]”<sup>37</sup> – e a agressividade de suas atitudes, declarando que

#### ARMADOS DE FOICES E MACHADOS

Bandos de fanáticos, chefiados pelo beato “Zé Lourenço”, ameaçam o sertão cearense - reforçados os destacamentos policiais de Crato e Juazeiro<sup>38</sup>

O jornal *A Noite* publica em 22 de maio de 1937, na primeira página, uma matéria intitulada “Os fanáticos: reportagem fotográfica em torno dos episódios sangrentos do interior cearense”. Na ocasião são veiculadas duas fotos: uma delas relacionada a uma determinada família composta por um senhor idoso, duas mulheres e uma criança, todos identificados na legenda: “Telles de Miranda, a quem fanáticos deram a antonomásia de “Pai Eterno”. Francisca Diógenes (a que está no centro, em pé). Rita Diógenes, a menina sentada, e por último, Francisca de Oliveira, mulher do “Pai Eterno”<sup>39</sup>. Entretanto, segundo informações colhidas com

<sup>35</sup> A RAZÃO, Fortaleza, Nº 286, 12 /05/1937, p. 1.

<sup>36</sup> O RADICAL, (RJ), Nº 1555 13 /05/1937, p. 2.

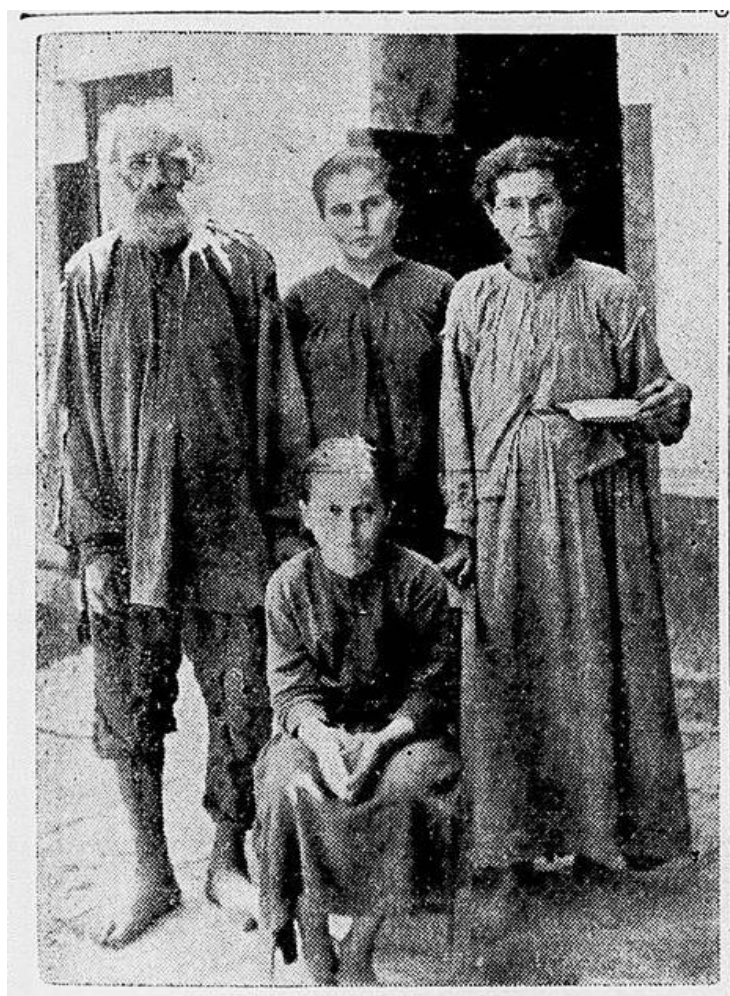
<sup>37</sup> CORREIO DE SÃO PAULO, 20 de maio de 1937, p. 3

<sup>38</sup> O JORNAL (RJ), 21 de agosto de 1937, p. 18

<sup>39</sup> A NOITE, (RJ), Nº 9078, 22 de maio de 1937, p. 1

a professora Lourêto Lima, filha do sr. Eleutério Tavares (citado na segunda foto) e neta de Severino Tavares, trata-se de um morador do Caldeirão de nome Mariano, oriundo do estado do Piauí, descartando a existência de alguém com esse status na comunidade, o que leva a concluir que é apenas mais um boato com a intenção de desmoralizar os habitantes daquele lugar.

**Figura 3: OS FANÁTICOS**



**Fonte:** Jornal *A Noite*, Nº 9078, 22/08/1937, p. 1.

A segunda imagem reúne um grupo de sobreviventes do Caldeirão, capturados depois do fatídico confronto entre a polícia e o grupo de Severino Tavares nos idos de 1937. Chama a atenção a composição em si, com maioria de crianças, poucos adultos e um velho de barba branca e calvo mais atrás (o mesmo que foi fotografado em 1936 sentado com outras crianças). Todavia, a descrição feita não condiz com o que se pode deduzir:

**Figura 4: OS FANÁTICOS**



Fonte: *Jornal A Noite*, Nº 9078, 21/08/1937.

Na legenda consta a seguinte explicação da fotografia:

As fotografias que acompanharam esta notícia mostram alguns dos presos. Por essas fotografias se verificará que não se trata apenas, como a princípio se supôs, de gente do mato: ao contrário, há entre os fanáticos pessoas de boa aparência e que pertencem a conhecidas famílias do Rio Grande do Norte.

Não podemos identificar exatamente a origem das famílias apresentadas na imagem. Percebe-se, contudo, se tratar majoritariamente de mulheres e crianças, o que indica que os homens estavam foragidos ou mortos, de acordo com os relatos dispersos sobre o fim da comunidade. O jornal superestima os trajes e a origem dos integrantes da imagem, a fim de construir acerca do episódio uma justificativa mais consistente para as ações desencadeadas naqueles dias. Não esqueçamos que foi no Rio Grande do Norte que transcorreu um dos principais focos da Intentona Comunista, demonstrando que há uma intenção unificadora sobre a leitura da imagem e que ela agrega, ao mesmo tempo, as duas linhas argumentativas que mencionamos anteriormente. Ao afirmar que não havia apenas fanáticos, admite de certa forma que entre eles, famílias do Rio Grande do Norte estavam presentes. Percebe-se, destarte, o propósito de construir para o leitor um modelo de interpretação a respeito do Caldeirão e seus habitantes.



Reportagens centradas no beato José Lourenço e “seus séquitos”, após os “infaustos” acontecimentos de setembro de 1936 e maio de 1937, ganharam mais notoriedade e ao longo de 1938, a imprensa não lhe deu nenhuma trégua. Notícias propagadas falando de sua presença e consequente liderança em movimentos semelhantes ao do Caldeirão eram anunciadas, como em o “Pau de colher”<sup>40</sup>, na cidade de Casa Nova-BA e em outros estados do Nordeste, guiando grupos de cem, mil e até “[...] nove mil fanáticos [...]”<sup>41</sup> com a promessa de invadir e saquear cidades da região. As manchetes não cessavam:

“O Beato Lourenço na Bahia? A Notícia de seu reaparecimento, à frente de 500 homens”<sup>42</sup>;

**ROUBANDO E MATANDO**

Os fanáticos do beato Lourenço fazem numerosas vítimas no sertão Bahia<sup>43</sup>

“O Piauí invadido pelos cangaceiros do grupo chefiado pelo beato Lourenço.”<sup>44</sup>

As narrativas eram responsáveis pela construção, no imaginário da República, do mito de uma liderança de fanáticos, salteadores e bandidos que deveria ser temida, e não seguida. Não há como comprovar nenhuma dessas ações atribuídas a José Lourenço, todavia, num plano simbólico, sua imagem ganhava ares de sujeito perigoso a ser combatido. Muitas das matérias foram refutadas pelo então delegado da Ordem Social do Estado do Ceará, Cordeiro Neto, que, numa entrevista declara ser “[...] impossível tratar-se do “beato” Lourenço [...]”<sup>45</sup>, posto que “[...] a polícia cearense é conhecedora de que [...] se encontra na serra do Araripe, doente, e implorando a caridade pública.”<sup>46</sup> Não se pode perder de vista que havia ainda um outro lado na cobertura noticiosa daquela Primeira República. Existia uma demanda crescente por fatos extraordinários, excepcionais que povoavam o universo místico daquela sociedade. Esse tipo de matéria, especialmente veiculado na França do século XIX ficou conhecido como *Faits Divers* e também teve grande influência na produção da imprensa nacional.

Para Roland Barthes, a principal característica do *fait divers* é ser “uma informação total, ou mais exatamente, imanente; ele contém em si todo seu saber: não é necessário conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete a nada mais, além dele mesmo” (BARTHES, 1966, p. 189 *Apud* DION 2007, p. 125).

<sup>40</sup> “Pau de Colher” foi um movimento equivalente ao Caldeirão com origem na cidade baiana de Casa Nova, de 1934 a 1938. Para aprofundar o assunto, ler GILMÁRIO Moreira Brito. [Memórias de e sobre Pau de Colher: como os sujeitos se lembram](#). Projeto História PUC, 1998; F. P. Monteiro. [Peregrinação, violência e demonofobia em Pau de Colher](#). ABBR, 2013 (PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol. 4, nº 1, p. 62-92).

<sup>41</sup> O JORNAL, (RJ), N° 5664, 30 /11/1937, p. 3

<sup>42</sup> O POVO (CE), N 3701, 14 /01/1938, p. 1

<sup>43</sup> O JORNAL (RJ), N° 5699, 12 /01/1938, p. 14

<sup>44</sup> DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ), N° 3671, 19 /01/1938, p. 2

<sup>45</sup> O ESTADO (SC), N° 6883, 17 /01/1938, p. 6

<sup>46</sup> *Ibid.*



A despeito da avalanche de notícias difamatórias e acusatórias com relação ao beato, algumas poucas notas e artigos se propuseram a tomar o caminho contrário no sentido de defendê-lo, ressaltando seu caráter ordeiro e cordial. O periódico *O Jornal* divulga um breve esclarecimento intitulado “Beato, e não bandoleiro”.

O nome do beato José Lourenço é, hoje, geralmente conhecido, dado que figura com frequência no noticiário policial dos jornais, que o apontam como um indivíduo façanhudo, e, por todos os títulos, altamente nocivo à ordem pública. Uma recente correspondência telegráfica, entretanto, esclarece que Zé Lourenço, como é vulgarmente conhecido o beato, não é um bandoleiro perigoso.<sup>47</sup>

No corpo do texto, cuja autoria não é informada, argumenta-se que o fato de José Lourenço ser um homem “[...] religioso até o fanatismo” finda por agregar em torno de si indivíduos mal-intencionados, resultando na “[...] formação de bandos de cangaceiros que, abandonando o “chefe” e desprezando sua “doutrina”, saem a praticar assaltos e tropelias de toda a ordem, com grave risco para a vida das populações sertanejas [...]”<sup>48</sup> ao integrar-se em comunidades como o Caldeirão.

Se a defesa é textual, contudo, a matéria é ilustrada com uma fotografia<sup>49</sup> na qual se vê o beato acompanhado de uma criança do sexo feminino munido de um rifle, fortalecendo a representação construída pelas manchetes e artigos de ser José Lourenço uma pessoa afeita à “violência e ao gosto de meninas novas e bonitas”, conforme podemos ver abaixo:

### **Figura 5: BEATO, E NÃO BANDOLEIRO**

<sup>47</sup> O JORNAL (RJ), Nº 5709, 23 /01/1938, p. 12

<sup>48</sup> Ibid.

<sup>49</sup> Segundo Lourêto Lima a imagem retrata o beato ainda jovem e a menina, nascida no Caldeirão, chama-se Maria de Maio.



**Fonte:** O JORNAL (RJ), Nº 5709, 23 /01/1938

Em 1938 e já com os ânimos menos acirrados, o beato volta a morar no sítio Caldeirão (CORDEIRO, 2004, p. 53), porém, com a condição de não favorecer nenhum tipo de aglomeração. Permanecendo ali num curto período de tempo, precisamente até 1939, José Lourenço reconstrói parte das benfeitorias que haviam sido destruídas em 1936.

É neste período que o beato recebe a visita do jornalista Hildebrando Espínola, representante dos “Diários Associados”, que como qualquer outro repórter buscava um furo jornalístico. Nada melhor do que entrevistar, portanto, o tão famoso e renomado beato José Lourenço. Imbuído dessa tarefa, viaja ao sítio Caldeirão onde permanece um dia inteiro conversando com o beato, moradores e fotografando o ambiente.



Após sua visita escreve uma matéria para o jornal *Diário da Noite* com o título: “Aqui eu sou o rei, abaixo de Deus”: O Repórter visita o Sítio Caldeirão, reduto dos fanáticos do beato Lourenço – Recepção festiva e almoço farto – amigo de jornalistas. ”<sup>50</sup>

Em sua matéria, Espínola destaca a “amável e ruidosa recepção” com que foi acolhido, ressaltando a “[...] indivisível satisfação do José Lourenço em recebe-lo”. Antes da refeição, continua o repórter, “[...] durante uma longa palestra, o beato lhe faz a seguinte alerta”:

Você é nosso hospede e aqui terá todas as garantias. Nada tema porque o diabo não estava nesta casa.

Aqui eu sou o rei, o único senhor e chefe. A uma palavra minha e tudo entrará em movimento. Mas, nada de desordens.

Respeitamos a lei de Deus e a lei do governo. Apenas não queremos ser incomodados. Queremos viver em paz e não ofendemos a ninguém.<sup>51</sup>

Em seguida, encaminharam-se para o almoço que oferecia um “[...] menu variado” com “camarão”, “[...] cerveja, vinho tinto e água tônica”. Vale sublinhar nessa notícia, particularmente, as palavras do beato no momento da despedida:

Sou amigo da *imprensa* e aprecio muitíssimo os homens inteligentes, *que são vocês jornalistas* – disse-nos Zé Lourenço, apertando-nos a mão – diga sinceramente no seu jornal o que viu aqui. Você bem viu que não há nada de extraordinário e, se erros existem, estamos tratando de corrigi-los. E lembre-se sempre do negro velho todas as vezes que aparecer aqui pela zona. Venha visitar-nos. Será sempre bem acolhido nesta casa onde o diabo não entra.<sup>52</sup>

Percebe-se que o beato se esforça para bem receber e causar boa impressão ao jornalista, enfatizando que ali, ao contrário do que tanto se proclamou na imprensa, nada de diferente ou extraordinário se passa. Constata-se, enfim, quase um tom de ironia e apelo na maneira como se pronuncia no intento de que se diga a verdade, sem exageros, ao lembrar que o Caldeirão é “um lugar de Deus” e que repórteres serão sempre recepcionados com alegria. Isso demonstra que o próprio José Lourenço tinha uma percepção clara do quanto a comunidade era alvo constante da imprensa. A matéria, em certo sentido, cumpre um dos elementos caros para o jornalismo manifestado apenas muitas décadas depois: o de escutar o outro lado. Contudo, mesmo que a reportagem tenha, por assim dizer, trazido à imagem do Caldeirão e José Lourenço certa positividade, ela não dá conta da complexa rede já estabelecida sobre o episódio naquele momento.

<sup>50</sup> DIÁRIO DA NOITE (RJ), Nº 3477, 25 /10/1938, p. 8.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Ibid.



### **Algumas considerações finais**

Como tentamos demonstrar aqui, não houve apenas um Caldeirão instalado no interior do Ceará. Sua construção e destruição obedeceram a vários planos. Numa dimensão pragmática, a existência do Caldeirão pode ser explicada pela confluência de elementos sociais, simbólicos e culturais que foram capazes de reunir, ali, no sertão cearense, um grupo de pessoas unidas pela necessidade e a fé. Todavia, sua construção também foi outra: aquela realizada nas páginas e no circuito comunicacional de uma primeira República repartida por conflitos, imaginários diversos, interesses conservadores e a fragilidade de um estado que buscava, de toda maneira, reprimir qualquer manifestação que colocasse em xeque sua centralização política. Tem-se, por conseguinte, outro Cadeirão, aquele narrado na imprensa nacional que via naquele espaço, um aglomerado de pessoas pobres, excluídas e perigosas.

Por outro lado, sua destruição também não se deu apenas de forma física, foi também moral e social. Ao funcionar como representante ideológica das elites, na reprodução dos seus discursos (Cordeiro, 2004, p. 92) a imprensa tornou-se implacável na perseguição à comunidade do Caldeirão e, principalmente, do seu líder José Lourenço.

Durante os anos de 1936, 1937 e 1938 não faltaram representações preconceituosas para qualificá-los: “antro de fanáticos”, “foco de fanatismos”, “reduto de comunistas”, “verdadeiro quisto”. Seus habitantes receberam a alcunha de “bando de fanáticos”, “cangaceiros do beato” e “bandoleiros”, acusados de roubar, matar, entre outras coisas.

Nesse processo, o alvo mais significativo nesses discursos foi, indubitavelmente, o beato José Lourenço, sendo-lhe imputados casos de atrocidade, barbaridade e atos de desumanidade, capaz de extorquir, explorar e manipular “[...] os fanáticos do sertão”. Acusaram-no de “sultão do Nordeste”, mantendo a seu dispor um harém com inúmeras mulheres novas e bonitas. De ter “mesa farta”, com “bebidas finas” em detrimento da miséria e exploração dos “ignorantes” e “ingênuos” nordestinos, líder de um bando composto por 9.000 homens. Fotos dos moradores do Caldeirão, comumente de crianças, mulheres e idosos, cercados por policiais armados, descalços, despenteados, tristes, assustados, eram estampadas nos jornais acompanhadas de manchetes sensacionalistas e alarmantes.

Como procuramos demonstrar aqui, a violenta repressão sobre o movimento do Cadeirão teve duas linhas claras de atuação: a primeira nos leva ao caráter político que justificava sua



destruição por se tratar de um espaço de experiência comunista no interior do Ceará e, a segunda, representada pela religiosidade popular ali praticada. Ambas eram inadmissíveis naquele contexto, a comunidade da Santa Cruz do Deserto tornou-se um alvo exemplar para aquela produção discursiva. Para imprensa nacional, sobretudo, era o modelo que oferecia os argumentos de combate às aglomerações populares emergentes. Nesse cenário de fraturas a imprensa construiu para si um papel central sobre a construção de sentidos sobre aquelas ocorrências, mas não apenas isso, na distribuição dessas representações num circuito amplo de divulgação.

A partir da análise das matérias percebe-se que havia um poderoso circuito comunicacional que ajudava a criar uma unidade de sentido não somente numa dimensão local, mas nacional. Ao serem distribuídas nas redações de periódicos do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais, as matérias são um bom exemplo para pensarmos que o modelo de sociedade que rechaçava violentamente manifestações, tivesse qualquer indício de uma organização social solidária. Como tentamos destacar nesses discursos, houve uma clara instrumentalização da imprensa para convencer que ali havia uma comunidade de inspiração comunista que precisava ser destruída. No entanto, o “caldeirão” dos argumentos não se resumiria a isso, destaca-se ainda o papel da Igreja Católica na influência de representações sobre as manifestações religiosas ali praticadas.

A campanha brutal organizada pouco deixou margem para a sobrevivência daquele grupo, uma vez que suas vozes dificilmente podiam ser ouvidas, com raras exceções – a entrevista concedida pelo Beato José Lourenço -. Pouco realmente sabemos do seu cotidiano. De todo modo, há um elemento fundamental a ser considerado, ao trazer tanto incômodo e produzir tanta demanda: a comunidade do Cadeirão da Santa Cruz, certamente propôs uma organização social intolerável para aqueles grupos políticos.

### **Sites consultados**

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>  
[http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21469&catid=318&Itemid=101](http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21469&catid=318&Itemid=101)

### **Bibliografia**

ALVES, Tarcísio Marcos. **A Santa Cruz do Deserto**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 1994.



SILVA, Otacílio Anselmo. **Brejo Santo sua história e sua gente**: tragédia de Guaribas. Fortaleza: Secretaria de Educação do Estado do Ceará, 1981.

BARROS, José Góes de Campos. **A Ordem dos Penitentes**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1937.

BARTHOLOMEU, Floro. **Joazeiro e o Pe. Cícero**: depoimento para a história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.

COSTA, Homero de Oliveira. **A insurreição comunista de 1935**. Natal-RN: EDUFRN, 2015.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2004.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

F. P. Monteiro. *[Peregrinação, violência e demonofobia em Pau de Colher](#)*. ABBR (PLURA, **Revista de Estudos de Religião**, vol. 4, nº 1, 2013, p. 62-92.

GILMÁRIO Moreira Brito. *[Memórias de e sobre Pau de Colher: como os sujeitos se lembram](#)*. **Projeto História**, PUC, 1998.

LIMA, Maria Lourêto de. **José Lourenço, o beato perseguido**: uma história real. Fortaleza: Editora IMEPH, 2013.

LOPES, Francisco Régis. **Caldeirão**: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: EDUECE, 1991.

MENESES, Sônia. **A operação midiográfica**: o golpe de 1964 e a Folha de São Paulo. São Paulo: Editora Intemeios, 2017.

PATTO, Rodrigo Sá Motta. **Em guarda contra o perigo vermelho**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2000.